

Wanderley Montanholi

Poemas pra você quebrar o espelho

EDITORA PENALUX
Guaratinguetá, 2022

Coser

Não é que eu queira escrever
Mas eu quero
E não é que seja preciso
Mas eu preciso
As palavras precisam seguir seu sentido
Único e de vida
De me rasgar e me costurar
Remendado feito fogo que apaga

Não é que eu queira ter opção
E, veja, eu não tenho
Porque o poeta não manda nas palavras
É feito por elas
É pintado por elas
É esmagado por elas

Não é que eu pense
É que eu sou
E ser, por si só
É imensidão

Oração

Eu sei que eu sou um idiota
Como a chuva que cai na terra
Com esperança de ser parte uníssona
No canto que ressoa do mundo

Eu já pulei os muros da certeza
Atravessei o rio inundado
E cheio de lama
Sem barco e sem remo
A pé, cru

Eu senti o cheiro das cinzas
Que subiam do extingo fogo
Que você, em vento, espalhou

Eu senti o peso das mãos
Que você, em oração
Estiou como seca

Eu sou um idiota.

Mero

Encarar, ajoelhado, o fim do caminho
Com o amor palpitando no coração
E a imensidão dos olhos que a gente vê
Nas lembranças doces do leito
É prova fática de que não respirar
Compõe o soneto da noite no céu

Colocar o coração na prateleira
Abrir a geladeira e ajustar o ímã
Que teima em se soltar
Enquanto a água amarga
O sal que a boca pede pra não sentir
Enquanto dizer adeus e bom dia
Se misturam na linha do Sol
Que nasce e se põe
Em sentido contrário

O roxo e o laranja do céu
Lembram que hoje era dia pra sorrir
Lembram que hoje era dia pra chorar
Mas eu permaneço
Inerte

— | | —

Eu permaneço na fotografia tirada
10 anos antes
Na festa solitária que bateu no meu peito
E eu sequer fui convidado

Telhados

Eu tive que me acostumar com os dias ruins
E, ao contrário do que possa parecer,
Foi por amor

As canções de amor só são de amor
Porque cantam sobre a chuva
Que caem em cada parte pequena
E escondida dos corpos de quem ama

Eu preferi manter a chuva, muitas vezes
Com o telhado aberto
E descoberto de pele
Pra lavar os medos escondidos
Nas frestas do meu peito oco

Eu tive que me acostumar com os dias ruins
Pra aprender a respirar em dias de incêndio
Pra entender
O que de ruim
Havia no espelho embaçado
Pela neblina do chuveiro quente

— | | —
Eu preferi manter a chuva quente, todas as vezes
Caindo gelada sobre o meu corpo exposto
Pra fumaça embaçar os vidros
Que eu preciso
Pra escrever poemas de amor

Olivo

Hoje as árvores estão chorando
Cinzas e frias quando balançam no vento
Não é sempre que podemos pensar
Sobre a água que escorre pelos galhos tortos das árvores
Não é sempre que podemos pensar
Sobre o fogo que se apaga
Na saudade que os dedos gritam
Apertados como parafusos
Numa máquina que começa a ranger

Hoje as árvores estão cantando
E a água destila as notas perdidas
Entre você e eu
Entre o nós e os nós
Entre o som do vento
E as letras das folhas

Hoje as árvores estão olhando
Pela janela virtuosa de cimento e vidro
Várias outras árvores que choram

Chove.

Des(p)ejo

A força,
Poeta,
Não vem só do amor
Que você respirou
No cheiro macio da saudade

A força
Vem de encarar
No espelho
O desejo
De não sentir
O que se sente

A maré que sobe
Na garganta
E transforma o redentor
Em névoa tingida de anis

Livros iluminam

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em outubro de 2022.
